

# DF-Brasília, a anti-Babel

JORNAL DO BRASIL

22 ABR 1996

JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA \*

**B**rasília é a única realização deste século incluída pela Unesco no Patrimônio Cultural da Humanidade. Todas as outras cidades, desse restrito e privilegiado elenco, carregam a pátina dos séculos e até dos milênios, como registra o saudoso Osvaldo Peralva no seu livro *Brasília, Patrimônio da Humanidade — um Relatório*, publicado em 1988 pelo Governo do Distrito Federal.

Ouvi de Tancredo Neves, quando eu era secretário da Cultura de Minas, que o terceiro milênio terá Brasília como referência da modernidade. E já no exercício do cargo de seu ministro da Cultura, fui convidado pelo presidente José Sarney para governar a mais fantástica realização do povo brasileiro neste século, sem esquecer Belo Horizonte e Goiânia.

Tomei a iniciativa de propor à Unesco a inclusão de Brasília no rol das cidades que se tornaram inalienáveis e insuscetíveis de qualquer alteração, porque únicas e indiscutíveis, e com fundada razão. Quando cheguei à capital, para exercer a Secretaria da Presidência da República, no Governo Jânio Quadros, o primeiro presidente a governar efetivamente do Planalto Central, o Brasil lamentava o que havia acontecido com os planos originais de Goiânia e Belo Horizonte.

Afonso Arinos, no Palacete Dantas, sede da Secretaria da Cultura de Minas, em palavras de denúncia e de protesto, afirmou que foi menino em uma cidade traçada a régua e compasso e que Belo Horizonte seria o grande monumento da *belle époque*, se não tivesse sido desfigurada pelos especuladores.

A presença na listagem do patrimônio universal protege Brasília no Plano Piloto, mas a cidade está sempre ameaçada pela especulação imobiliária.

Estou impressionado com o que ocorreu entre o meu governo no Distrito Federal e o governo que está sendo exercido pelo reitor Cristovam Buarque. O que houve de especulação imobiliária, com a ocupação irregular e atrevida de espaços circundantes, como as colinas do Leste e do Nordeste e áreas de preservação ambiental, só pode ser qualificado de criminoso. Não se trata de “invasões” impelidas pela pressão da miséria, o que, sendo da mesma forma prejudicial, do ponto de vista urbanístico, pode ser explicado pela imperiosa necessidade da vida. O que ocorreu foi o desrespeito às leis, o desrespeito à propriedade pública, o desrespeito às normas civilizadas de convívio, por aventureiros bem situados, em busca de lucro fácil e rápido.

Nos dias em que se comemoram os 36 anos da capital trazida ao mundo pelas mãos de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, lembrei-me da apresentação que escrevi para o livro de Márcio Vianna, em que registra a contribuição de tantas outras culturas ao espírito de Brasília, na arquitetura dos edifícios das embaixadas estrangeiras. Lawrence Durrell, o romancista de Atenas, de Alexandria, de Istambul, das cidades de mistério e sedução, diz em *O Quarteto de Alexandria* que um edifício é uma língua que nos diz tudo.

Os povos se comunicam, em Brasília, por sobre as distâncias dos oceanos. Brasília é a anti-Babel.

Tenho sempre afirmado que há acordo transcendental entre Brasília, o espaço e o tempo. Ela começou a ser necessária no desembarque de Cabral em Porto Seguro, uma vez que uma terra só é conquistada quando a bandeira da nova soberania tremula em seu ponto central. Por isso mesmo, a idéia da capital no

interior do país se associou aos sonhos políticos dos inconfidentes, reafirmou-se na era da independência e se tornou compromisso definido na Constituição de 1891, para fazer-se realidade no governo de Juscelino.

No livro *Pelo Sertão*, o escritor Afonso Arinos, o velho, imaginou uma grande metrópole sertaneja em torno ao buriti, testemunha da conquista.

A árvore está diante do Palácio da Cidade, que recebeu o nome de Palácio do Buriti.

Conhecemos, também, o sonho projetivo de Dom Bosco, vendo nascer, entre os paralelos 15° e 20°, a sede de uma nova civilização, justa e democrática.

A tudo isso se uniu o talento urbanístico e arquitetônico de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. O autor do projeto urbanístico da cidade define-a com bela precisão: “A paisagem de Brasília é a arquitetura de Oscar.” E não podemos esquecer a inteligência política e técnica de quem administrou a transformação do sonho em concreto, o grande mineiro Israel Pinheiro, cujo centenário de nascimento estamos comemorando neste ano.

Israel declarou que teve o privilégio, que o destino me concedeu depois, de trabalharmos com um companheiro de criadores, como Dante, Michelangelo, Da Vinci, esse extraordinário homem dos povos, que é Oscar Niemeyer.

Juscelino inaugurou Brasília no dia de Tiradentes, data que hoje lembra também a morte de Tancredo Neves. São nomes tutelares de Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade.